

# A PLATAFORMIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E A CRISE DE VALORIZAÇÃO DO CAPITAL: QUEDA TENDENCIAL DA TAXA DE LUCRO, FINANCEIRIZAÇÃO E CAPITALISMO DE PLATAFORMA

Suzane Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Uniasselvi/UFMA, São Luís, Brasil (suzaners16@gmail.com)

**Resumo:** O artigo analisa a plataformação da educação superior à luz da crítica marxiana da economia política, relacionando a tendência à queda da taxa de lucro, a financeirização e o capital fictício ao avanço do capitalismo de plataforma. Com base em pesquisa bibliográfica e no método materialista histórico-dialético, demonstra que a expansão das plataformas digitais integra novas estratégias de acumulação, intensificando a mercantilização do conhecimento e do trabalho acadêmico.

**Palavras-chave:** plataformação da educação; crise; queda da taxa de lucro; financeirização; capitalismo de plataforma.

## INTRODUÇÃO

As profundas mudanças observadas no capitalismo contemporâneo, impulsionadas pela intensificação da financeirização, pelo protagonismo das tecnologias digitais e pela consolidação das plataformas corporativas, vêm alterando significativamente os processos de produção, circulação e apropriação do conhecimento. Nesse cenário, a educação superior assume posição estratégica nas dinâmicas de reprodução do capital, uma vez que universidades e demais instituições de ensino incorporam, em ritmo acelerado, infraestruturas tecnológicas desenvolvidas e controladas por grandes corporações do setor digital. Assim, a plataformação do ensino superior não deve ser compreendida como um simples desdobramento do progresso tecnológico ou como resposta imediata às demandas por inovação pedagógica. Trata-se, antes, de um fenômeno vinculado às transformações estruturais do capitalismo, que modifica as relações entre Estado, mercado e universidade, reconfigurando a gestão institucional, as práticas de ensino e as condições de realização do trabalho acadêmico.

Apesar do crescimento das pesquisas voltadas aos efeitos da digitalização sobre os processos educacionais, administrativos e pedagógicos, ainda são limitadas as investigações que interpretam a plataformação da educação superior a partir das categorias da crítica da economia política. Essa lacuna analítica torna-se ainda mais evidente diante da consolidação de um capitalismo de plataforma sustentado pela exploração econômica dos dados, pela mercantilização das relações sociais e pela crescente subordinação das instituições públicas às lógicas de

acumulação do mercado. Nessa perspectiva, analisar a difusão das plataformas digitais requer ultrapassar interpretações centradas exclusivamente na inovação tecnológica, inserindo o fenômeno no conjunto das contradições que caracterizam a reprodução ampliada do capital.

Partindo desse entendimento, o presente artigo sustenta que a expansão das plataformas digitais no ensino superior constitui uma das estratégias mobilizadas pelo capitalismo contemporâneo para responder às suas recorrentes crises de valorização, especialmente à tendência de queda da taxa de lucro formulada por Karl Marx. Defende-se que a crescente presença das grandes empresas de tecnologia nas universidades integra um movimento mais amplo de reestruturação da acumulação capitalista, marcado pela intensificação da subsunção do trabalho intelectual às lógicas algorítmicas, pela apropriação privada de recursos públicos e pela conversão do conhecimento, dos dados e das atividades acadêmicas em ativos passíveis de exploração econômica.

Para desenvolver essa análise, adota-se o método materialista histórico-dialético e uma abordagem de natureza teórico-bibliográfica, mobilizando categorias fundamentais da crítica marxiana da economia política, entre elas a tendência à queda da taxa de lucro, a subsunção real do trabalho ao capital, a acumulação por espoliação e o fetichismo tecnológico. Essas categorias são articuladas às contribuições de estudiosos do capitalismo digital, como David Harvey, Nick Srnicek, José van Dijck, Nick Couldry, Ulises Mejias e Shoshana Zuboff, permitindo compreender a plataformação da educação superior



como expressão das transformações recentes do capitalismo e analisar seus impactos sobre a realidade universitária, ao estabelecer esse diálogo entre a tradição marxista e a literatura contemporânea sobre capitalismo de plataforma, o artigo busca ampliar o debate crítico acerca das novas formas de dominação econômica, política e tecnológica, que atravessam as instituições de ensino superior no século XXI.

## MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, fundamentado em pesquisa bibliográfica e orientado pelo método do materialismo histórico-dialético. A escolha desse referencial metodológico decorre da compreensão de que a plataforma da educação superior ultrapassa os limites de uma mudança estritamente tecnológica ou administrativa, constituindo-se como uma manifestação das transformações estruturais do capitalismo contemporâneo e das estratégias mobilizadas pelo capital para enfrentar suas recorrentes crises de valorização. Nessa perspectiva, as tecnologias digitais são compreendidas como construções sociais e históricas, cuja incorporação às instituições educacionais está diretamente relacionada às determinações econômicas, políticas e ideológicas próprias do modo de produção capitalista.

O método materialista histórico-dialético, formulado por Karl Marx, fornece o arcabouço teórico necessário para analisar a realidade social em sua totalidade, considerando seu caráter histórico, contraditório e em permanente transformação. Com base nessa perspectiva, a investigação busca compreender as relações existentes entre a expansão das plataformas digitais, as mudanças na organização do trabalho acadêmico, o avanço da financeirização e a tendência à queda da taxa de lucro, entendendo esses fenômenos como dimensões articuladas do processo de reestruturação do capitalismo em sua fase digital. Dessa maneira, rejeita-se a interpretação de que a difusão das tecnologias educacionais decorre exclusivamente do progresso técnico, privilegiando-se a análise das relações sociais, e dos interesses econômicos que impulsionam sua disseminação no âmbito das instituições de ensino superior.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, contemplando obras clássicas da crítica da economia política e estudos contemporâneos sobre capitalismo digital, economia de plataformas e transformações do trabalho. O referencial teórico está ancorado, sobretudo, em Karl Marx, especialmente na obra *O Capital*, Livro III, onde é formulada a teoria da tendência à queda da taxa de lucro, complementam essa base autores como David Harvey, especialmente na obra *O Capital*, Livro III, onde é formulada a teoria

da tendência à queda da taxa de lucro. Complementam essa base autores como David Harvey, Nick Smicek, José van Dijck, Thomas Poell, Martijn de Waal, Nick Couldry, Ulises Mejias e Shoshana Zuboff, cujas contribuições oferecem importantes subsídios para compreender a expansão das plataformas digitais, a centralidade dos dados como fonte de acumulação e as novas configurações assumidas pelo capitalismo informacional.

O percurso analítico consistiu na articulação crítica dessas diferentes contribuições teóricas, estabelecendo um diálogo entre a tradição marxista e as interpretações recentes acerca da digitalização da educação superior. Para tanto, foram mobilizadas categorias analíticas como tendência à queda da taxa de lucro, subsunção real do trabalho ao capital, acumulação por espoliação e fetichismo tecnológico, as quais possibilitam examinar de forma integrada a crescente inserção das grandes empresas de tecnologia no ambiente universitário e os processos de reorganização do trabalho, da gestão e das práticas acadêmicas sob a lógica da valorização do capital.

Por sua natureza, esta pesquisa assume um caráter analítico e interpretativo, não se propondo à realização de investigação empírica, mas à elaboração de uma reflexão crítica sobre a relação entre a expansão das plataformas digitais e as transformações do capitalismo contemporâneo, ao privilegiar a análise das determinações econômicas, políticas e ideológicas que atravessam esse processo, busca-se contribuir para o aprofundamento do debate acerca dos efeitos da plataforma sobre a autonomia das universidades, as condições de trabalho docente e os processos de produção, circulação e apropriação social do conhecimento

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intensificação dos processos de plataforma no âmbito da educação superior, constitui uma das expressões mais significativas das reconfigurações estruturais do capitalismo contemporâneo em sua fase digital, financeirizada e informacional. Distante de representar mera consequência do desenvolvimento técnico-científico ou simples modernização dos mecanismos pedagógicos e administrativos universitários, a incorporação progressiva de plataformas digitais às instituições de ensino superior, deve ser interpretada como manifestação histórica das estratégias mobilizadas pelo capital, para enfrentar suas recorrentes crises de valorização. Sob a perspectiva da crítica marxiana da economia política, a compreensão desse fenômeno exige a articulação de categorias fundamentais, tais como a tendência à queda da taxa de lucro, a subsunção real, a acumulação por espoliação e o fetichismo tecnológico, uma vez que tais categorias permitem apreender as determinações profundas, que vinculam a expansão



das *big techs* ao processo contemporâneo de reorganização da acumulação capitalista.

A teoria da queda tendencial da taxa de lucro, desenvolvida por Marx no Livro III de *O Capital*, fornece importante mediação teórica para compreender a expansão das plataformas digitais no setor educacional. Conforme argumenta Marx (2017), o desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo conduz ao aumento contínuo da composição orgânica do capital, isto é, à ampliação proporcional dos investimentos em maquinaria, automação, tecnologia e infraestrutura técnica em detrimento do trabalho vivo, única fonte efetiva de produção de mais-valor, essa dinâmica engendra uma contradição imanente ao próprio modo de produção capitalista: ao mesmo tempo em que a racionalização tecnológica eleva a produtividade, reduz-se proporcionalmente a base social responsável pela produção de valor, pressionando estruturalmente a taxa média de lucro.

Diante dessa contradição, o capital necessita permanentemente expandir suas fronteiras de valorização, incorporando novas esferas da vida social aos circuitos de acumulação, é precisamente nesse contexto que a educação superior assume centralidade estratégica. A universidade, historicamente concebida como espaço de produção crítica do conhecimento, formação intelectual e desenvolvimento científico, passa a ser progressivamente integrada às dinâmicas contemporâneas do capitalismo digital, dessa forma a expansão das plataformas educacionais corporativas revela, assim, não apenas uma transformação tecnológica, mas sobretudo um movimento de reorganização das estratégias de acumulação, diante da redução relativa da rentabilidade nos setores produtivos tradicionais.

A educação superior converte-se, nesse processo, em espaço privilegiado de produção de valor por meio da extração de dados, da circulação informacional e da captura das interações acadêmicas mediadas digitalmente. Plataformas controladas por corporações transnacionais, como Google, Microsoft e Amazon, passam a oferecer ecossistemas digitais integrados compostos por sistemas de armazenamento em nuvem, ambientes virtuais de aprendizagem, ferramentas colaborativas, plataformas de videoconferência e aplicações baseadas em inteligência artificial, sob o discurso da inovação, da eficiência administrativa e da democratização do acesso ao ensino, tais corporações consolidam formas sofisticadas de inserção estrutural no interior das universidades públicas e privadas (DIJCK; POELL; WAAL, 2018).

Entretanto, a compreensão desse fenômeno exige avançar para além da dimensão instrumental da tecnologia, nesse sentido a categoria marxiana de

subsunção real revela-se particularmente relevante. Diferentemente da subsunção formal, na qual o capital apenas incorpora atividades previamente existentes sem alterar substancialmente sua organização interna, a subsunção real implica a transformação estrutural dos próprios processos de trabalho, das formas de sociabilidade e das dinâmicas institucionais segundo as exigências da acumulação capitalista. No contexto da educação superior, a plataformação não corresponde simplesmente à adoção de ferramentas digitais como suporte pedagógico, trata-se de um processo mais profundo de reorganização ontológica da atividade universitária.

As plataformas digitais passam a estruturar temporalidades acadêmicas, mecanismos de avaliação, processos de comunicação institucional, formas de gestão universitária e práticas pedagógicas. O trabalho docente é progressivamente submetido a métricas de produtividade, protocolos algorítmicos de monitoramento e sistemas digitais de controle, intensificando processos de precarização, vigilância e racionalização gerencial, simultaneamente, estudantes e pesquisadores tornam-se produtores contínuos de dados e informações que alimentam ecossistemas algorítmicos orientados pela lógica da rentabilidade corporativa. A universidade passa, assim, a operar segundo racionalidades empresariais compatíveis com a governamentalidade neoliberal contemporânea, marcada pela centralidade da eficiência, do desempenho e da competitividade institucional (SRNICEK, 2018).

Tal dinâmica articula-se diretamente ao conceito de acumulação por espoliação formulado por Harvey (2005), entendido como mecanismo contemporâneo de expansão capitalista baseado na apropriação privada de recursos coletivos, bens públicos e direitos sociais historicamente construídos. No caso da educação superior, a espoliação manifesta-se por meio da apropriação privada das infraestruturas acadêmicas, dos dados produzidos pela comunidade universitária e do trabalho intelectual coletivo realizado no interior das instituições públicas, embora frequentemente apresentadas como gratuitas, as plataformas digitais corporativas operam mediante a captura contínua de informações comportamentais, cognitivas e comunicacionais, posteriormente convertidas em ativos estratégicos para monetização, aperfeiçoamento algorítmico e fortalecimento do poder monopolista das grandes corporações tecnológicas.

Desse modo, recursos públicos financiados pelo Estado passam a alimentar circuitos privados de valorização econômica. O conhecimento produzido socialmente no interior das universidades transforma-se em matéria-prima para a reprodução ampliada do capital digital, trata-se de uma forma contemporânea de expropriação que desloca informações, práticas



sociais, interações acadêmicas e subjetividades para ecossistemas corporativos globais orientados pela lógica da acumulação. Nesse sentido, a captura de dados educacionais aproxima-se do que Couldry e Mejias (2019) denominam “colonialismo de dados”, isto é, uma nova modalidade de dominação baseada na apropriação sistemática da vida social, por meio da extração contínua de informações produzidas cotidianamente pelos sujeitos.

Todavia, a consolidação dessas formas de dominação tecnológica depende também da produção de mecanismos ideológicos capazes de naturalizar a expansão das plataformas digitais no interior das universidades, é nesse ponto que a categoria de fetichismo tecnológico assume centralidade analítica. Derivado criticamente da noção marxiana de fetichismo da mercadoria (MARX, 2013), o conceito refere-se ao processo pelo qual as tecnologias passam a ser percebidas como entidades neutras, autônomas e inevitáveis, obscurecendo as relações sociais, econômicas e políticas que condicionam sua produção e utilização. No âmbito educacional, os discursos da inovação, da modernização e da transformação digital frequentemente ocultam o fato de que as plataformas digitais materializam interesses corporativos específicos, e reproduzem racionalidades compatíveis com as exigências contemporâneas da acumulação capitalista.

O fetichismo tecnológico atua, portanto, como dispositivo ideológico responsável por despolitizar o debate acerca da platformização da educação superior, convertendo decisões econômicas e políticas em aparentes imperativos técnicos incontornáveis, a promessa de eficiência, conectividade e democratização do acesso ao conhecimento contribui para obscurecer os mecanismos de vigilância algorítmica, captura de dados, dependência tecnológica e mercantilização da atividade acadêmica presentes nessas infraestruturas digitais. Dessa forma, as plataformas são frequentemente percebidas como soluções neutras para problemas educacionais, quando, na realidade, operam como instrumentos de reorganização das relações sociais segundo os interesses do capital digital global (ZUBOFF, 2021).

A platformização da educação - consiste no processo de incorporação crescente de plataformas digitais corporativas às atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão acadêmica, promovendo uma reorganização das práticas educacionais segundo as lógicas econômicas e tecnológicas do capitalismo digital, mais do que a adoção de ferramentas tecnológicas, esse fenômeno implica a captura de dados, a mediação algorítmica das relações pedagógicas e a ampliação da dependência institucional em relação às grandes empresas de tecnologia, redefinindo as formas de produção e circulação do conhecimento (SNICEK, 2018); (VAN

DIJCK, POELL e DE WAAL, 2018) – no âmbito do ensino superior deve ser compreendida, portanto, como expressão das transformações estruturais do capitalismo contemporâneo diante de suas crises de valorização, a incorporação crescente das universidades às dinâmicas do capitalismo de plataforma evidencia não apenas a expansão das tecnologias digitais, mas a consolidação de novas formas de acumulação fundamentadas na captura de dados, na subsunção das atividades intelectuais às racionalidades algorítmicas e na apropriação privada de recursos públicos e coletivos.

Acrescente-se ainda na discussão feita até aqui, o diálogo que tais aspectos fazem com as transformações recentes do capitalismo, particularmente daquelas relacionadas ao avanço da financeirização e à predominância do capital fictício como formas de enfrentamento das dificuldades de valorização decorrentes da tendência à queda da taxa de lucro. Se, conforme demonstrado por Marx (2017), o desenvolvimento das forças produtivas conduz ao aumento da composição orgânica do capital e, consequentemente, à redução relativa da produção de mais-valor, o capitalismo contemporâneo tem recorrido, cada vez mais, à ampliação das formas financeiras de acumulação e à incorporação de novos espaços sociais aos circuitos de valorização. Nessa dinâmica, a educação superior deixa de ser apenas uma instituição voltada à formação humana e à produção do conhecimento para tornar-se um espaço estratégico de extração de valor por meio da circulação de informações, da captura de dados e da mercantilização das atividades intelectuais.

A categoria de capital fictício ocupa posição central nesse processo. Em Marx, o capital fictício refere-se aos títulos financeiros que representam direitos sobre rendimentos futuros, sem corresponder diretamente à produção imediata de valor na esfera produtiva. Embora esses ativos assumam aparência de riqueza autônoma, sua existência permanece condicionada, em última instância, à produção de mais-valor realizada pelo trabalho vivo. A expansão extraordinária dos mercados financeiros observada desde as últimas décadas do século XX revela precisamente o crescimento dessas formas de valorização desvinculadas da produção material, permitindo que expectativas futuras de rentabilidade sejam continuamente transformadas em ativos negociáveis.

François Chesnais (2005) demonstra que a financeirização constitui um novo regime de acumulação caracterizado pela predominância dos interesses do capital portador de juros sobre os investimentos produtivos. Segundo o autor, a lógica financeira deixa de atuar como simples complemento da produção industrial, passando a orientar as estratégias empresariais, a reorganização das políticas



estatais e os próprios processos de reprodução social. Nesse contexto, empresas, universidades e instituições públicas passam a ser pressionadas por critérios de eficiência, rentabilidade e desempenho compatíveis com os interesses dos mercados financeiros. A incorporação de plataformas digitais nas universidades insere-se precisamente nessa racionalidade, na medida em que essas tecnologias prometem redução de custos operacionais, ampliação da produtividade e geração contínua de ativos informacionais passíveis de exploração econômica.

Michael Roberts (2016), ao retomar empiricamente a teoria marxiana da tendência à queda da taxa de lucro, argumenta que as sucessivas crises - a categoria crise na tradição marxista, trata de um fenômeno estrutural decorrente da própria dinâmica da acumulação, caracterizado por dificuldades de realização do valor, superacumulação de capital, redução da rentabilidade e interrupções periódicas do processo de reprodução ampliada. As crises não constituem eventos excepcionais, mas momentos inerentes ao desenvolvimento do capitalismo, impulsionando processos de reestruturação econômica, tecnológica e institucional (MARX, 2017) - do capitalismo nas últimas décadas decorrem justamente da incapacidade estrutural do capital em manter níveis sustentáveis de rentabilidade na esfera produtiva. Para Roberts, a financeirização não representa uma superação dessas contradições, mas apenas um mecanismo temporário de compensação da redução da lucratividade industrial. A expansão do crédito, da especulação financeira e da valorização patrimonial posterga os efeitos das crises, mas aprofunda as contradições do próprio sistema ao deslocar crescentes volumes de capital para atividades desvinculadas da produção direta de valor.

É nesse cenário que o capitalismo de plataforma assume importância estratégica. Conforme argumenta Cédric Durand (2020), as grandes plataformas digitais tornaram-se uma das principais formas contemporâneas de centralização do capital, articulando infraestruturas tecnológicas, propriedade intelectual, dados e mercados financeiros em modelos de negócios altamente monopolizados. Diferentemente das empresas industriais tradicionais, cujo processo de acumulação estava diretamente associado à produção de mercadorias, as plataformas extraem valor mediante o controle das infraestruturas digitais que organizam a circulação de informações, serviços e interações sociais. Seu elevado valor de mercado decorre não apenas dos lucros efetivamente realizados, mas sobretudo das expectativas futuras de monopolização, convertidas em ativos financeiros negociados globalmente.

Essa dinâmica evidencia a estreita relação entre capital fictício e capitalismo de plataforma. Empresas como Google, Microsoft, Amazon e Meta apresentam

avaliações financeiras muito superiores ao valor de seus ativos produtivos materiais, refletindo expectativas de captura futura de mercados, dados e fluxos informacionais. Assim, o valor dessas corporações encontra-se profundamente vinculado aos mecanismos de financeirização e às projeções especulativas sobre sua capacidade de controlar infraestruturas digitais indispensáveis à reprodução econômica e social.

Christian Fuchs (2021) amplia essa análise ao demonstrar que o capitalismo digital reorganiza as formas tradicionais de exploração mediante a transformação das atividades comunicacionais em trabalho produtor de valor. Para o autor, os usuários das plataformas não apenas consomem tecnologias, mas produzem continuamente informações, conteúdos, dados comportamentais e interações que alimentam sistemas algorítmicos orientados à acumulação capitalista. A extração permanente dessas informações converte comunicação, sociabilidade e produção de conhecimento em fontes de valorização econômica, ampliando significativamente os mecanismos de exploração para além do espaço convencional da produção industrial.

No caso da educação superior, essa lógica manifesta-se de maneira particularmente intensa. Professores, pesquisadores, estudantes e técnicos administrativos produzem diariamente enorme volume de dados relativos às suas atividades acadêmicas, pesquisas, avaliações, comunicações institucionais e práticas pedagógicas. Embora tais informações sejam produzidas no interior de instituições públicas e financiadas coletivamente, sua circulação ocorre, cada vez mais, por meio de plataformas privadas pertencentes às grandes corporações tecnológicas. O resultado é a constituição de uma nova forma de acumulação baseada na apropriação privada do conhecimento socialmente produzido, convertendo atividades educacionais em ativos econômicos passíveis de monetização.

Evgeny Morozov (2018), por sua vez, chama atenção para os limites daquilo que denomina "solucionismo tecnológico". Segundo o autor, o discurso da inovação digital frequentemente apresenta plataformas corporativas como respostas inevitáveis para problemas administrativos, educacionais e sociais, ocultando os interesses econômicos envolvidos em sua expansão. Essa narrativa produz um efeito ideológico que naturaliza a crescente dependência das instituições públicas em relação às infraestruturas privadas de processamento de dados, dificultando a construção de alternativas tecnológicas comprometidas com a soberania digital e o interesse público.

Sob essa perspectiva, a plataformação da educação superior representa uma mediação concreta entre a



crise estrutural de valorização do capital e as novas formas de acumulação características do capitalismo contemporâneo. A dificuldade crescente de obtenção de lucros na esfera produtiva impulsiona a expansão da financeirização, enquanto o capital fictício encontra nas plataformas digitais novos mecanismos de valorização baseados na monopolização de dados, na propriedade das infraestruturas digitais e na captura contínua das atividades sociais. A universidade passa, assim, a integrar os circuitos globais de reprodução do capital não apenas como espaço de formação de força de trabalho qualificada, mas também como produtora permanente de informações, conhecimentos e fluxos comunicacionais apropriados pelas grandes corporações tecnológicas.

Desse modo, compreender a plataformização da educação superior exige reconhecer que ela constitui parte integrante das estratégias contemporâneas de reprodução do capitalismo financeirizado. Longe de representar simples inovação tecnológica, as plataformas digitais expressam uma resposta histórica às limitações impostas pela tendência à queda da taxa de lucro, reorganizando os mecanismos de exploração e ampliando as fronteiras da acumulação por meio da mercantilização do conhecimento, da comunicação e da própria vida social.

### CONCLUSÃO

As reflexões desenvolvidas neste artigo permitem afirmar que a plataformização da educação superior deve ser compreendida como uma expressão das transformações estruturais do capitalismo contemporâneo, e não como um desdobramento natural da evolução tecnológica ou como mera modernização das práticas universitárias. A incorporação progressiva das universidades às infraestruturas digitais controladas por grandes corporações tecnológicas integra um movimento histórico de reconfiguração das estratégias de acumulação do capital, especialmente diante das dificuldades de valorização decorrentes da tendência à queda da taxa de lucro. Sob essa perspectiva, as plataformas digitais assumem papel decisivo na abertura de novas fronteiras para a expansão do capital, convertendo atividades acadêmicas, informações e conhecimentos em recursos passíveis de apropriação econômica.

A análise fundamentada na crítica marxiana da economia política evidenciou que o avanço das empresas de tecnologia sobre o ensino superior não constitui um fenômeno isolado, mas integra um processo mais amplo de reorganização das formas de acumulação características do capitalismo digital. Nesse contexto, dados, trabalho intelectual, produção científica e interações acadêmicas passam a ocupar posição estratégica na geração de valor. Categorias como subsunção real do trabalho ao capital,

acumulação por espoliação e fetichismo tecnológico mostraram-se essenciais para interpretar a maneira pela qual as plataformas digitais remodelam a gestão universitária, redefinem as condições do trabalho docente, influenciam os processos de produção do conhecimento e tensionam a autonomia das instituições de ensino superior.

A investigação também permitiu identificar que a crescente adoção dessas plataformas intensifica relações de dependência tecnológica, amplia mecanismos de vigilância baseados em sistemas algorítmicos e fortalece processos de mercantilização de bens públicos historicamente produzidos pelas universidades. O discurso da inovação, da eficiência administrativa e da democratização do acesso à educação tende a obscurecer a apropriação privada de dados, conhecimentos e demais ativos informacionais gerados no ambiente acadêmico, contribuindo para consolidar formas renovadas de subordinação das instituições universitárias às dinâmicas do capitalismo de plataforma.

Em síntese, o estudo procura contribuir para o fortalecimento das análises críticas sobre as relações entre educação superior, capitalismo digital e financeirização, evidenciando que a compreensão da plataformização universitária exige considerar suas determinações econômicas, políticas, tecnológicas e ideológicas de maneira articulada. Diante da crescente digitalização das instituições de ensino, torna-se indispensável ampliar investigações capazes de problematizar os efeitos da dependência em relação às grandes corporações tecnológicas e de fomentar alternativas que assegurem a autonomia universitária, preservem o caráter público da produção do conhecimento e reafirmem a função social da educação superior frente às novas configurações assumidas pelo capitalismo no século XXI.

### AGRADECIMENTOS

Escreva os agradecimentos aqui.

### REFERÊNCIAS

- CHESNAIS, François. **A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração e consequências**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises. Data colonialism: rethinking big data's relation to the contemporary subject. **Television & New Media**, Thousand Oaks, v. 20, n. 4, p. 336-349, set. 2018.
- DURAND, Cédric. **Capital Fictício: como as finanças se apropriam do nosso futuro**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FUCHS, Christian. **Nationalism on the Internet: Critical Theory and Ideology in the Age of Social Media and Fake News**. New York: Routledge, 2021.



HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2005.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**: livro primeiro: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013. [recurso eletrônico]. Disponível em: <[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwjz9eLSu\\_roAhXUIbkGHdEfDowQFjAAegQIARAB&url=http%3A%2F%2Fwww.gepec.ufsc.br%2Fpublicacoes%2Flivros-e-colecoes%2Fmarx-e-engels%2Fo-capital-livro-1.pdf%2Fat\\_download%2Ffile&usg=AOvVaw0R6Rw2rMc2cYIojPXGGNA3](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwjz9eLSu_roAhXUIbkGHdEfDowQFjAAegQIARAB&url=http%3A%2F%2Fwww.gepec.ufsc.br%2Fpublicacoes%2Flivros-e-colecoes%2Fmarx-e-engels%2Fo-capital-livro-1.pdf%2Fat_download%2Ffile&usg=AOvVaw0R6Rw2rMc2cYIojPXGGNA3)>. Acesso em 02/06/2019.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro III**: o processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

ROBERTS, Michael. **The Long Depression**: How It Happened, Why It Happened, and What Happens Next. Chicago: Haymarket Books, 2016.

SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataforma**. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

VAN DIJCK, José; POEEL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The plataforma Society**: public Values in a connective world, New York: Oxford university Press, 2018.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.